

# Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro\*

Miguel Angelo Campos Ribeiro\*\*

Rogério Botelho de Mattos\*\*\*

*Não há como não observar este in e vir, do micro ao macro, dos territórios mais íntimos e suís a um desejo de comunicação plena (Grupo Corpo, sete ou oito peças para um ballet, 1994)*

## Resumo

Este estudo procura delimitar e analisar espaços de atuação de um segmento marginal da sociedade - o da prostituição em seus diversos tipos, a saber: prostitutas, "michês" (*rapazes de programa*) e travestis; verdadeiros *operários do sexo* que flanam pelos espaços públicos da Área Central da Cidade do Rio de Janeiro, em diferentes horas do dia.

A Área Central, constituída pelo Núcleo Central e sua zona Periférica, lugar de coexistência e mudanças no dia-a-dia, é o palco onde se realizam profundas relações de seus diferentes conteúdos socioespaciais, e, portanto, propícias ao desenvolvimento, até mesmo, de atividades ligadas à prostituição.

Nas pesquisas empreendidas para o desenvolvimento deste estudo e com base, tanto no nível empírico, quanto em fontes informais e bibliográficas, foram selecionadas sete áreas a ser investigadas e que são marcadas pela prostituição em seus diversos conteúdos e significados.

Esses espaços públicos são apropriados por diferentes tipos de prostituição, formando muitas vezes, verdadeiros *territórios do medo* e da segregação.

Partindo do princípio que estas áreas selecionadas formam territórios e territorialidades, buscou-se enfoques conceituais que dessem conta destas questões.

Estes territórios acompanham a dinâmica da cidade na qual estão inseridos, e uma vez estabelecidos, apresentam um processo de expansão e contração. Tais territórios têm a propriedade de ser elásticos, pois ora se expandem, ora se contraem, ocupando uma determinada posição de um espaço público.

**Palavra-chave:** Território, territorialidade, Rio de Janeiro

## Abstract

This study tries to analyze the spaces of action of a marginal segment of society - that of prostitution in its various aspects, i.e.: prostitutes, "michês" (male prostitutes) and transvestites; real "workers of sex" - who circulate in the public spaces, in the Central Area of the city of Rio de Janeiro, at different times of the day.

The Central Area, made up of the Nucleus and its Peripheral Zone is a place of coexistence and change on an everyday level. It's where deep relationships happen between the different social-spatial contents, and therefore it propitiates development, even of activities related to prostitution.

The research done for this study, based on empirical data as well as on informal and bibliographical information. From this research seven areas were selected that are marked by prostitution in its various contents and meanings.

These public spaces are taken over by different types of prostitution, often constituting real "territories of fear" and of segregation.

Starting from the principle that these selected areas form territories and territorialities, we have searched for conceptual points of view that could account for these questions.

These territories accompany the city's dynamics within which they are inserted. Once established they show a process of expansion and contraction. Such territories have the property of being "elastic" since they expand and then contract, occupying a given portion of the public space.

**Key words:** Territory, Territorially

\* Recebido para publicação em 17 de outubro de 1996

\*\* Pesquisador Titular do Departamento de Geografia do IBGE e Doutorando em Geografia/UFRJ

\*\*\* Técnico do Departamento de Geografia do IBGE

Os autores expressam agradecimentos aos geógrafos João Baptista Ferreira de Mello e Carlos Alberto Franco da Silva no que se refere às discussões, trocas de idéias e leitura crítica na elaboração deste artigo. À Regina Célia Silva Alonso pela elaboração cartográfica do mapa referente à Área Central do Rio de Janeiro. As eventuais imperfeições verificadas e conceitos emitidos são de inteira responsabilidade dos autores.

## Introdução

A Área Central do Rio de Janeiro individualiza-se no conjunto do espaço urbano pela concentração de atividades comerciais, de serviços, das gestões pública e privada e pelos terminais de transportes intra-urbanos e inter-regionais. O núcleo central da cidade, também identificado como Distrito Central de Negócios (CBD - sigla em inglês para Central Business District), em função de sua acessibilidade e da presença de construções imponentes - nas quais se encontram os escritórios da gestão e comando de empresas dos setores público, comercial e financeiro da cidade, de sua hinterlândia e de todo o País -, é o local que detém um enorme fluxo de pessoas durante o dia

Enquanto o núcleo central se destaca pelo seu dinamismo, pelo volume das transações e negócios ligados aos setores comerciais, de serviços e de gestão, o mesmo não pode ser dito da zona periférica do centro, localizada em seu entorno e identificada como a área de obsolescência ou zona degradada. A maior parte de sua paisagem é marcada por terminais de transportes, depósitos diversos, pensões, unidades fabris e lugares de diversão e construções do início do século, entre estas, diversas delas servindo de moradia para numerosas famílias de baixa renda e homens solteiros

Durante o dia estes dois espaços antagônicos, contínuos e complementares da Área Central do Rio de Janeiro caracterizam-se pelo grande deslocamento de pessoas, com destaque evidentemente para o seu núcleo. À noite, porém, esse conteúdo modifica-se, surgindo, entre outros segmentos da sociedade, uma população tida como marginal e voltada para atividades concernentes à economia informal. Comumente, esta população "marginal" mistura-se com boêmios, intelectuais, políticos, militantes, evangélicos, homossexuais, bem como pessoas que se dirigem aos estabelecimentos de diversão.

No núcleo central e zona periférica do centro, de segunda a sexta - mas persistindo com alguma relevância no sábado -, durante o horário diurno, ocorrem os maiores fluxos de veículos e pessoas que trabalham nas atividades comerciais, de serviços e de gestão, bem como as que consomem esses produtos e serviços, criando ambiente para o desenvolvimento da prostituição. À noite e de madrugada e, principalmente, nos finais de semana e feriados, esses ambientes dinâmicos se transformam e se fragmentam em diversas territorialidades de

excluídos pela sociedade, surgindo, assim, diferentes territórios, tais como dos catadores de papel, dos sem-teto, dos menores de rua, dos guardadores de carro (os "flanelinhas"), entre outros, superpostos muitas vezes com o da prostituição, constituindo verdadeiros "territórios do medo", em decorrência da violência praticada pelos diferentes grupos atuantes nesses territórios, bem como da atuação da polícia, que exerce ora papel repressor, ora de extorsão, no caso dos (as) prostitutos (as).

Desse modo, a Área Central do Rio de Janeiro caracteriza-se pela coexistência de múltiplos usos, tornando-a uma representante-síntese da própria cidade. Nesta porção do espaço urbano carioca forma-se um verdadeiro caleidoscópio, onde diferentes territórios coexistem, em um processo de contração e expansão. Em outras palavras, a Área Central, lugar de coexistência e mudanças no dia-a-dia, é o palco onde se realizam profundas relações de seus variados conteúdos socioespaciais e, portanto, propicia o desenvolvimento, até mesmo, de atividades ligadas à prostituição. O fenômeno repete-se em outros bairros do Rio de Janeiro, formando outras territorialidades, como no caso das imediações da Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, algumas estações do subúrbio, como Madureira, e na Zona Oeste, como Campo Grande, e principalmente na orla de Copacabana.

De modo geral, a prostituição nos espaços públicos do Rio de Janeiro se difundiu em função do próprio crescimento da cidade, pois essa atividade aparece em subcentros densamente povoados como Madureira, Campo Grande e Copacabana. Neste último, a prostituição está associada ao turismo que tem importante papel nesse bairro carioca. Em se tratando da Área Central do Rio de Janeiro, os espaços públicos ocupados pela prostituição estão diretamente associados à clientela local e, como já mencionados anteriormente, são propícios a essa atividade.

Outros fatos podem explicar o fenômeno da prostituição, tais como o uso generalizado do automóvel, que facilitou as relações entre os clientes e os "mercadores do sexo", como também problemas de ordem social, ligados ao fenômeno do desemprego e achatamento dos salários, principalmente a partir dos anos de 1980, contribuindo para que uma massa de desempregados ficasse alijada do mercado de trabalho, sobretudo os jovens, fazendo com que muitos procurassem uma atividade alternativa, tal como a

prostituição masculina, que se difundiu e criou territórios pelos espaços públicos da cidade. Por outro lado, a atividade em tela, em alguns casos, serve para a complementação do salário, geralmente baixo.

Convém lembrar que o advento da Aids, a partir dos anos de 1980, exerceu certa influência no decréscimo do número de clientes das diversas áreas de prostituição. Houve uma mudança no comportamento sexual dos clientes e prostitutas(as), com o advento do uso do preservativo, como também surgiram alguns grupos com projetos de prevenção e apoio a essas populações, tais como o Núcleo de Orientação e Saúde Social - NOSS e o Instituto de Estudos da Religião - ISER. O primeiro desenvolve os projetos "Purpurina" com travestis e "Pegação" com os "michês", enquanto o ISER, com o Programa Integrado de Marginalidade - PIM, atua dentro os diversos projetos, com o de Saúde na Prostituição, direcionado às prostitutas e aos travestis.

## Os diferentes significados da territorialidade. O exemplo da prostituição

Esse trabalho, de caráter exploratório, no âmbito da geografia brasileira, aborda um aspecto da realidade anteriormente trabalhado por antropólogos, sociólogos e historiadores. O estudo tem por questão central delimitar e analisar os espaços de atuação da prostituição em seus diversos segmentos, a saber: prostitutas, "michês" (rapazes de programa)<sup>1</sup> e travestis, marcados por limites de suas territorialidades.

Para que esse mundo do jogo, do risco permanente e da supressão incessante possa existir, há uma necessidade de um ambiente propício para o exercício de sua atividade. Essa ambiência é demarcada por limites de uma territorialidade definida como uma tentativa individual ou de grupo, "de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, delimitando e assegurando o controle sobre uma área geográfica" (SACK, 1986, p. 19). Assim, no caso da prostituição,

uma rua, um conjunto de ruas ou um lugar pode ser um território, durante um certo período de tempo. Isso acontece porque o indivíduo ou um determinado grupo de pessoas, ao se apoderar de um local, formaliza um território. Mas para que este território possa existir como tal é necessário um esforço constante para sua instalação e manutenção.

O território pode ser também apropriado pelo grupo que exerce o seu controle para conter o acesso de indivíduos a um determinado local, ou seja, a territorialidade é uma estratégia de estabelecer diferentes graus de acesso a pessoas, coisas e relações (SACK, 1986, p. 20).

A demarcação das fronteiras invisíveis nos espaços públicos acontece de forma simbólica, combinando uma direção no espaço e a legitimação de sua posse. A apropriação de alguns logradouros na Área Central carioca pelos "mercadores do sexo" existe em função de suas particularidades, surgindo, assim, determinados territórios para as prostitutas, "michês" e travestis. Cada grupo de prostituição segrega seu próprio território, defendendo-o, algumas vezes, da ameaça de invasão de outros tipos de "mercadores do sexo" e de outros atores sociais. Nessas áreas a dimensão espacial e o controle territorial são peças-chaves para se obter poder. A prática da prostituição é, na realidade, uma relação de poder, porque as pessoas que ganham a vida prostituindo-se estabelecem um território onde se desenvolve esta atividade.

Nesse caso, o espaço torna-se um território desde que seja tomado por uma relação social de comunicação, onde seus atores (prostitutas, "michês" ou travestis, bem como eventuais clientes) se concentram e vivenciam-no em um determinado período de tempo. Isso porque a territorialidade reflete "a multidimensionalidade do 'vívido' territorial pelos membros de uma coletividade" (RAFFESTIN, 1993, p. 158).

Desta maneira, e aproveitando livremente as palavras de Foucault (1988, *apud* SOJA, 1993, p. 183), a segregação entre grupos de prostituição é um produto da "instrumentalidade do espaço-poder-

<sup>1</sup> A título de exemplificação e extensão do fenômeno, pode-se dizer, com base em matéria publicada na revista *Veja* (nº 11, de 16/03/1994), que "o Rio é o recordista em michês e o campeão de um pornoturismo particular, o homossexual" (PEREIRA, 1994, p. 71) e que "o Rio tem de 1.000 michês, na baixa estação de turismo, a 4.000, nos meses de novembro a março, Carnaval e alto verão, quando começam para a cidade michês de todo o Brasil e até da América Latina" (PEREIRA, 1994, p. 72). A reportagem, genérica e preconceituosa, afirma que os "michês" são, em sua maioria, "pobres e fedorentos". Atualmente, o termo "michê" possui dois sentidos. Um primeiro diz respeito a quem se prostitui, sendo geralmente jovens que não abdicam "dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente" (PERLONGHER, 1987, p. 17), enquanto um outro refere-se ao cliente que utiliza como gíria "fiz um michê", para expressar a consumação do ato sexual da prostituição.

saber e formam a base para espacializar e temporalizar o funcionamento do poder” Raffestin (1993, p. 159) acrescenta ainda que a territorialidade pode ser definida, então, como “um fenômeno de comportamento associado à organização do espaço em esferas de influência ou em territórios nitidamente diferenciados, considerados distintos e exclusivos, ao menos parcialmente, por seus ocupantes ou pelos que os definem. Na verdade, a função da territorialidade é segregar e compartimentalizar a interação humana, controlando a presença/ausência e a inclusão/exclusão” de determinados grupos (SOJA, 1993, p. 183).

O território também pode ser visto como uma apropriação simbólica, identitária e afetiva, diferente daquela perspectiva já identificada anteriormente em Sack (1986), Soja (1993) e Raffestin (1993), onde as relações de poder realizam-se através de um domínio ou controle politicamente estruturado de um espaço.

A apropriação simbólica e afetiva do espaço foi desenvolvida consistentemente por Tuan (1980, p. 5) onde o lugar é muitas vezes utilizado como sinônimo de território, através da “topofilia”, que significa o “do afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” O lugar para Tuan tem o significado de uma localização de lealdade apaixonada, de definição e significado

Enfim, conceitua-se os Territórios da Prostituição<sup>2</sup> como a apropriação, durante um certo período de tempo, de uma rua ou um conjunto de logradouros por um determinado grupo de prostitutas, “michês” e travestis, que, através de uma rede de relações, da adoção de códigos de fala, expressões, gestos e passos, garantem e legitimam essas áreas como territórios para a prática de tal atividade, estruturada, outrossim, através da violência explícita, principalmente entre as prostitutas e os travestis que utilizam, entre outros, objetos cortantes para defender seus “pontos” contra aqueles que tentam invadi-los. No caso dos “michês”, atos simbólicos, tais como, entre outros, o gestual de sua virilidade, o órgão genital seguro em suas mãos, constituem os códigos utilizados para atrair a clientela, em seus próprios territórios

Cumpre ressaltar que as práticas de apropriação desses espaços públicos como territórios da prostituição se dão de modo diferenciado. No caso das prostitutas, a legitimidade e controle de seus territórios é mais rígida, não sendo possível uma determinada prostituta ocupar o “ponto” de um determinado espaço público durante um certo período de tempo, pois as prostitutas que já vivem naquele lugar farão a sua defesa pela coerção ou através de atos de violência contra aquelas que tentam invadi-los. A defesa neste caso está pautada nas relações de poder, através do domínio ou controle estruturado do espaço. O mesmo é verificado nos espaços públicos onde a territorialidade dos travestis é demarcada não só pela adoção de códigos de fala, expressões e gestos, mas, principalmente, pela violência explícita proveniente, sobretudo, de agressões verbais e até mesmo físicas. No caso dos “michês”, a apropriação de seus territórios é mais simbólica e afetiva, pois não há uma rigidez no seu controle. Desde o momento em que determinado indivíduo apropria-se daquele espaço, a adoção de determinados códigos e atos simbólicos terão que ser utilizados para que ele possa se identificar com os seus pares e estabelecer uma rede de relações, até mesmo com a própria polícia, que muitas vezes impõe uma certa “ordem” representada, em alguns casos, ora pela repressão, ora pela extorsão e achaque. Além disso, a relação da polícia com esses grupos constitui, também, uma das formas de manutenção e controle desses territórios.

Cabe fazer referência que os territórios da prostituição apresentam um processo de expansão e contração. Tais territórios têm a propriedade de ser “elásticos”, pois ora se expandem, ora se contraem, ocupando uma determinada porção de um espaço público. Na verdade, os territórios da prostituição são “flutuantes”, “móveis” e “cíclicos” - “os limites tendem a ser instáveis, com as áreas de influência deslizando por sobre o espaço concreto das ruas, becos e praças”, (SOUZA, 1995, p. 88). O caráter cíclico deste tipo de territorialização apresenta uma

<sup>2</sup>A prostituição não se restringe apenas aos espaços públicos. Embora não seja objeto deste estudo, e à guisa de explicação convém frisar que este fenômeno desenvolve-se, também, em recintos que funcionam como verdadeiros prostíbulos modernizados, onde é possível encomendar uma pessoa-mercadoria, tanto pessoalmente, como através do telefone, caso verificado nas saunas, “casas” de massagem e agências especializadas nesse tipo de serviço. Este tipo de prostituição, considerada para os autores desse trabalho como “fechada”, apresenta características diferentes daquela verificada nos espaços públicos - a prostituição de rua. Dentre as várias características, pode-se mencionar: o tipo de prostituta (o) no tocante aos atributos físicos e ao nível social; o preço e a forma de pagamento, que muitas vezes se realiza através do sistema de cartão de crédito. O segmento da prostituição de rua corresponde ao “rebotelho”, ou seja, o que “sobrou” dessa prostituição, principalmente no caso das prostitutas. Os próprios “michês” e travestis apresentam condições sociais e atributos físicos, muitas vezes, inferiores àqueles que trabalham nos “prostíbulos fechados”.

alternância habitual dos usos (conteúdos) diurno e/ou noturno dos mesmos espaços.

## Os territórios da prostituição: uma análise

A Área Central do Rio de Janeiro tem sofrido, ao longo deste século, sucessivas reformas urbanas e transformações que modificaram, sobremaneira, os antigos territórios da prostituição. Alguns retraíram-se; outros desapareceram por completo. Na realidade, muito embora esses territórios estejam disseminados por toda a Cidade do Rio de Janeiro, os espaços públicos (territórios) selecionados<sup>3</sup> para investigação e marcados por diferentes conteúdos e significados, além da prostituição, são os seguintes:

- 1 - O entroncamento metrô-rodoviário da "Central do Brasil" e imediações;
- 2 - A área de passagem e ponto final de linhas de ônibus da Praça Tiradentes e início da Avenida Passos;

3 - A área de lazer, de passagem, arena política e centro financeiro e cultural formado pelo Passeio Público e "Cinelândia";

4 - A área residencial, de passagem e de casas de espetáculo da Lapa, que nas últimas décadas tem assistido a uma reurbanização constante, e partes das ruas do Riachuelo, Mem de Sá e Frei Caneca;

5 - A área de passagem da Praça Paris e Avenida Augusto Severo;

6 - A área de passagem e entroncamento hidroviário do "Castelo" e "Via Ápia"; e

7 - A zona portuária da Praça Mauá

Para elucidação dos conteúdos predominantes e os diferentes tipos de prostituição para os sete espaços selecionados, foi elaborado um quadro, enquanto o mapa representa a espacialização desses diferentes territórios.

Os territórios da prostituição estão edificados, muitas vezes, em espaços que, de modo geral, apresentam características comuns como descrito a seguir:

**Quadro - Área do Rio de Janeiro**  
Territórios da prostituição nos espaços públicos

Espaços públicos	Conteúdos predominantes				Tipos de prostituição predominante			
	Atividades terciárias				Residencial	Feminina	Masculina	Travesti
	Lazer (1)	Hotéis de alta rotatividade	Outras atividades (2)	Terminal de transportes (3)				
"Central do Brasil" e imediações	☼○	Δ	☼○	Δ	Δ	☼○	☼○	—
Praça Tiradentes e Avenida Passos	☼○	Δ	☼	Δ	—	☼○	—	—
Passeio Público e "Cinelândia"	☼○	Δ	☼	Δ	—	☼○	☼○	—
Lapa e trechos das ruas do Riachuelo, Mem de Sá e Frei Caneca	☼○	Δ	☼	—	Δ	○	—	○
Praça Paris, Avenida Augusto Severo e imediações	☼○	Δ	☼	—	Δ	—	—	○
"Castelo" e "Via Ápia"	☼	—	☼○	Δ	Δ	—	○	—
Praça Mauá	☼○	Δ	☼	Δ	Δ	☼○	—	—

Notas: (1) Cinemas, teatro, bares, restaurantes, boates, ambulantes, praças e áreas verdes;

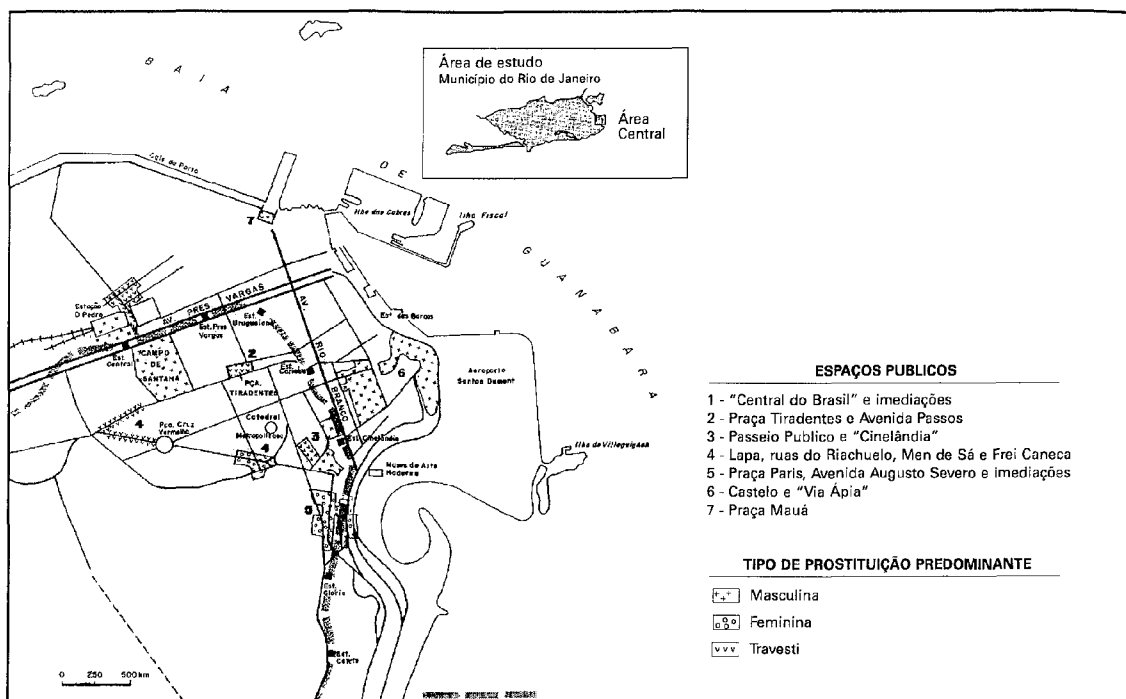
(2) Instituições financeiras, órgãos culturais, de comércio, de serviços públicos e outros (inclusive ambulante); e

(3) Terminais rodoviário, ferroviário e/ou hidroviário

Legenda: ☼ Dia; ○ Noite; Δ Existência; — Ausência

<sup>3</sup>Os espaços públicos selecionados foram identificados através de pesquisa de campo, com vistas à elucidação de seus diferentes territórios. À guisa de exemplificação, a pesquisa de campo foi realizada em diferentes dias da semana (tanto os dias quanto as semanas foram escolhidos aleatoriamente), num período aproximado de um mês. Constava em percorrer de carro, principalmente à noite (maior ocorrência da prostituição), os espaços públicos previamente selecionados. Geralmente percorria-se de três a quatro vezes por noite os sete espaços selecionados.

**Mapa - Área central do Rio de Janeiro**  
Territórios da prostituição nos espaços públicos



Fonte: Pesquisa de Campo  
Organizado e elaborado por MATTOS e RIBEIRO, 1994  
Desenho: Regina Alonso

- a - têm por localização a Zona Periférica ou de Obsolescência da Área Central, localizada no entorno do Núcleo Central;
- b - também são marcados por terminais de transporte rodoviário, ferroviário e/ou hidroviário, com intenso fluxo de pessoas;
- c - possuem expressivas atividades, representadas por cinemas, teatros, bares, restaurantes, boates, praças, conseqüentemente concentrando a boemia;
- d - são dotados de outras atividades terciárias, tais como: instituições financeiras, órgãos culturais, de comércio e de serviços públicos, além de ambulantes;
- e - freqüentemente registram um significativo número de hotéis de alta rotatividade que dão suporte à atividade da prostituição; e
- f - são repletos de moradias ocupadas por numerosas famílias de baixa renda e homens solteiros

Os conteúdos descritos acima apresentam uma alternância habitual dos usos diurno e/ou noturno dos mesmos espaços, conforme indicado no quadro e caracterizados a seguir

## Central do Brasil e imediações

As fronteiras invisíveis deste território estendem-se por trechos das ruas Barão de São Félix, Senador Pompeu, Marçílio Dias, Bento Ribeiro, Presidente Vargas e Visconde do Rio Branco, e pela Praça da República (Campo de Santana) Constituem área de passagem, em função da Estação Ferroviária D. Pedro II (conhecida popularmente como "Central do Brasil"), do Terminal Rodoviário Américo Fontenelle, que interliga a Baixada Fluminense ao Centro da Cidade, e de uma estação de metrô que facilita o acesso de pessoas às zonas Sul e Norte. Este espaço é servido, também, por uma área verde para o lazer (Campo de Santana), muitos bares (inclusive "biroscas"), barracas de ambulantes que comercializam um pouco de tudo, um hospital (Souza Aguiar), o antigo Ministério do Exército (Palácio Duque de Caxias), os museus do Palácio do Itamarati, do Exército e de Deodoro, um quartel do Corpo de Bombeiros e uma gafeira (Elite), além da concentração de escolas e faculdades.

Este antigo e tradicional território da prostituição sofreu, ao longo do Século XX, uma retração

em suas fronteiras, devido à repressão policial e à demolição de inúmeras casas destinadas, exclusivamente, a essa atividade. Atualmente, é área constituída por prostitutas e “michês” que buscam, diariamente, os clientes que transitam por seus logradouros. No Campo de Santana, durante todo o dia até às 18 horas (quando fecha) acontecem contatos iniciais no que tange à prostituição masculina (“michês”), enquanto nas imediações da estação ferroviária, apesar do domínio da prostituição feminina (em sua maioria de mulheres negras), aparecem também os “michês”. O principal chamariz para esta concentração de prostitutas e “michês” é o grande número de usuários dos meios de transporte, que são clientes em potencial.

Segundo reportagem realizada por Barsctti (1994), trata-se de uma das áreas de mais alto grau de perigo no tocante à prostituição masculina no Rio de Janeiro. Os “michês”, prostitutas e clientes que freqüentam esse território caracterizam-se por possuírem poder aquisitivo muito baixo.

## Praça Tiradentes e início da Avenida Passos

A Praça Tiradentes e o início da Avenida Passos formam um dos mais antigos e conhecidos territórios da prostituição feminina do Rio de Janeiro. Este território, hoje, restringe-se à Praça Tiradentes, Avenida Passos e parte das ruas da Constituição e Luís de Camões (junto à Praça). Nessa tradicional área de lazer da cidade, concentram-se teatros, como o Carlos Gomes e o João Caetano, o posto da Telerj, restaurantes, gafeiras, bares e lojas de comércio em geral. A grande maioria dos estabelecimentos funciona em um conjunto arquitetônico típico das últimas décadas do Século XIX. Nesse contexto, a Praça Tiradentes destaca-se, também, principalmente, durante o dia, pelo grande fluxo de pessoas que se dirigem aos pontos finais de ônibus municipais. Trata-se de área tradicional na prostituição feminina e desenvolve-se cotidianamente, durante dia e noite, com a presença de hotéis de alta rotatividade que se encontram em logradouros das redondezas, apresentando, assim, suporte à atividade em questão. De uma maneira geral, a existência e a sobrevivência desses hotéis “baratos” ocorrem em função das prostitutas locais, que se dirigem a esses estabelecimentos em companhia de seus clientes tradicionais e/ou “caçados” nas ruas. Conforme explicitado anteriormente, esse

território configurou-se desde o século passado, e sua continuidade legitimou-lhe a presença, coexistindo diferentes segmentos sociais e prostitutas, apesar de os contatos predominantes serem aqueles realizados nas calçadas.

Nesse território dominado, na maior parte do tempo, por prostitutas, existem lugares segmentados para cada tipo. As mais velhas, que não lucram tanto com a prática da prostituição, tendem a ocupar com maior freqüência a Avenida Passos, enquanto as adolescentes e as de meia idade procuram se concentrar nas ruas em torno da Praça Tiradentes, preferencialmente do lado esquerdo da calçada. A escolha do lado esquerdo se justifica pela facilidade da troca de comunicação entre o freguês motorizado e a prostituta; apesar de os contatos predominantes serem aqueles realizados nas calçadas.

Na Praça Tiradentes, durante as madrugadas, quando o número de prostitutas e seus respectivos clientes diminui de intensidade no local, outro segmento da prostituição entra em cena: os travestis, que mesmo timidamente formam no decorrer de algumas poucas horas um outro território em seu centro.

## Passeio Público e Cinelândia

O território da prostituição do Passeio Público e “Cinelândia”, conhecido também como a antiga *Broadway* carioca, é formado por trechos das ruas do Passeio, das Marrecas, Senador Dantas e Evaristo da Veiga, Avenida Rio Branco e pelas praças Mahatma Gandhi e Floriano (“Cinelândia”).

A Rua do Passeio se destaca pela presença de alguns pontos finais de ônibus municipais, que interligam, em sua maior parte, o Centro da Cidade aos bairros das zonas Norte e Oeste. Outro ponto de embarque e desembarque de passageiros é a estação do metrô da Cinelândia. A antiga *Broadway* carioca concentra numerosas opções de lazer, tais como: cinemas, bares e restaurantes, uma área verde (Passeio Público), os teatros Municipal, Dulcina, Rival e Brigitte Blain II, Museu de Belas Artes, Biblioteca Nacional, Câmara Municipal, Sala Funarte, Secretaria de Educação, Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sede do Automóvel Clube do Brasil, muitas agências bancárias oficiais e privadas, vários prédios e lojas comerciais, a loja de departamentos Mesbla-Passeio, entre outras.

Essas muitas opções de lazer e o grande movimento diário de pessoas contribuíram para o surgimento da prostituição masculina e feminina durante o dia e a noite. A confluência das ruas das Marrecas e do Passeio é dominada, exclusivamente, por prostitutas, tratando-se conseqüentemente de ruas tradicionais nesse tipo de prostituição. Durante o dia, as “mulheres de vida fácil” buscam seus prováveis clientes entre os pedestres e, quando o “negócio” é concretizado, dirigem-se aos hotéis de alta rotatividade dos arredores. Em contrapartida, a Rua do Passeio (nas proximidades da Praça Mahatma Gandhi) e a Praça Floriano são domínios da prostituição masculina, principalmente em frente aos cinemas Palácio, Odeon e Metro Boa Vista. Atualmente alguns “michês” fazem “ponto” no interior dos jardins do Passeio Público, como transitam nas áreas internas da loja de departamentos da Mesbla-Passeio e nas saídas da estação do metrô Cinelândia, em busca de prováveis clientes.

O Passeio Público, até a década de 1970, era território exclusivo da prostituição masculina na Área Central do Rio de Janeiro. Por volta dessa época, porém, a área esvaziou-se devido às obras para a construção do metrô. Mais tarde, essa área foi ocupada por prostitutas que, assim, retomaram seu antigo território até fins da década de 1980, quando este espaço torna-se uma territorialidade mesclada de prostitutas e “michês”. Os anos de 1990 marcam o aumento da insegurança e da violência nas áreas próximas ao Museu Histórico Nacional, Santa Casa da Misericórdia e imediações (conhecida popularmente no mundo gay como “Via Ápia”), deslocando muitos “michês” que faziam “ponto” naquela área, principalmente para o “Castelo” e “Cinelândia”, reocupando e revalorizando esse antigo território da prostituição masculina.

### **Lapa e partes das ruas do Riachuelo, Mem de Sá e Frei Caneca**

Parte da Lapa e trechos das ruas do Riachuelo, Mem de Sá e Frei Caneca formavam um território conhecido pela prática da prostituição desde o final do Século XIX, pela presença de inúmeros prostíbulos, onde atuavam as prostitutas estrangeiras traficadas, em sua maioria, da Europa centro-oriental. No início do Século XX, segundo Menezes (1992), houve violenta repressão policial nesse território, com a ex-

pulsão, inclusive, de muitos cafetões e cafetinas, mas, mesmo assim, a área não diminuiu em importância, no cenário da prostituição. Entretanto, a época de ouro da Lapa situa-se em torno de 1910, quando ocorrem os primeiros casos passionais e da boemia desenfreada. Por suas ruas, bilhares, bares, cassinos, concertos e cabarés, circulavam os malandros e os “otários”. Durante o Estado Novo, a malandragem da Lapa foi perseguida por aparato policial e político, culminando com a descaracterização social do bairro. Entretanto, por volta de 1950, surge o “gueto” dos travestis, confinados praticamente nessa zona, pois, se saíssem deste território, se arriscavam a ser surrados ou presos. Esta violência imposta a um grupo por uma sociedade que não admitia a existência de diferentes padrões sociais justificava-se como uma forma de preservar a moralidade e os bons costumes da Área Central. Alguns travestis, para sobreviver, durante esse período, trabalhavam, basicamente em shows musicais em certas casas de espetáculos localizadas na área, tal como o Cabaré Casanova, existente desde 1930 e em atividade até hoje.

O brilhantismo da Lapa já faz parte da história da cidade e, após inúmeras reformas urbanas, esse bairro da periferia do Centro se tornou um local de obsolescência, habitado por antigos moradores, pessoas descapitalizadas à procura de alugueis baixos, ladrões e marginais, que convivem cotidianamente com duas territorialidades de prostituição, a feminina e a de travestis. O território da prostituição feminina se confina somente nas ruas Mem de Sá e Frei Caneca, no trecho compreendido a partir das praças da Cruz Vermelha e da República e em pequenos trechos da rua Riachuelo. Já o território dos travestis encontra-se localizado na rua Mem de Sá, entre os Arcos da Lapa e a rua dos Inválidos. É interessante observar o sentido diametralmente oposto desses territórios, pois, enquanto o dos travestis localiza-se no trecho inicial da rua Mem de Sá, o das prostitutas situa-se ao seu final, onde estão concentrados os hotéis de alta rotatividade. Cabe mencionar que tais territórios são apropriados diariamente, a partir das 19h, somente do lado esquerdo das referidas ruas, facilitando o contato com o cliente motorizado.

De acordo com Silva (1993, p. 66), “a atenção permanente, à cata de cliente, ou cautela contra os riscos, conferem [aos travestis] um olhar altivo e esquadrinhador. Sobre saltos altos operam varreduras nas calçadas, no asfalto, nos automóveis”.



Nesse sentido, tais locais de passagem, com grande movimento de automóveis, são muito disputados pelos travestis, porque os clientes motorizados pagam melhor pelos seus serviços. Acresce, ainda, “todo um circuito de relações que liga os meninos de rua, ladrões, policiais, travestis, traficantes e o pequeno comércio informal em torno de alguns princípios de convivência” (SILVA, 1993, p. 87). Entre todos esses atores se estabelece uma confiança mútua advinda de uma série de numerosos e minúsculos contatos de rua. Segundo Barsetti (1994), nas proximidades dos Arcos da Lapa a situação de periculosidade é bastante elevada

Essas áreas, descontinuamente utilizadas pelos territórios da prostituição, são formadas por diferentes conteúdos, como a Fundação de Amparo ao Menor-de-Rua Joaquim Murtinho, Hospital da Cruz Vermelha, redação do jornal *O Dia*, predominância de salas de escritórios e casas comerciais, como as de antiguidades, material elétrico, gráficas, supermercados, bares e casas de shows, como o Asa Branca, Circo Voador e Fundação Progresso, juntamente com prédios residenciais e antigos casarões, hoje transformados em habitações multifamiliares. Cumpre mencionar que a rua Frei Caneca é especializada no comércio de material de construção, contando também com uma das gafieiras mais tradicionais da cidade - o Elite Clube. Há também os locais destinados, de um modo geral, à prostituição em locais fechados, como apartamentos onde funcionam casas de massagem ou agências especializadas nesse tipo de atividade, além de boates, cabarés, como o Casanova, e hotéis de alta rotatividade

## **Praça Paris, Avenida Augusto Severo e imediações**

O território dos travestis, conforme observado no mapa, estende-se pelos lados esquerdos, do sentido do tráfego, das ruas Teixeira de Freitas, da Lapa e pequeno trecho das ruas da Glória e Moraes e Vale, e, ainda, predominando na Avenida Augusto Severo, até o Beco das Carmelitas, e imediações da Praça Paris. A “batalha pelo ponto” e busca pelos clientes, diariamente, inicia-se a partir das 19 horas, quando os festivos travestis, provenientes de diferentes bairros do Rio de Janeiro, formam seu respectivo território. Cria-se, assim, uma rede de relações entre os clientes motorizados e os travestis, que disputam, palmo a

palmo, os espaços desse território, configurado a partir do final dos anos de 1970. Anteriormente, as ruas da Lapa e da Glória eram ocupadas pela prostituição feminina, substituídas mais tarde pelos travestis. Nesta área convivem diferentes estabelecimentos representados pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, agência do Banco do Brasil, casas comerciais, como a tradicional Hollas, especializada em aluguel de roupas, Associação Cristã de Moços - ACM, Colégio Estadual Deodoro da Fonseca, além de uma sauna (Rio Antigo) e de inúmeros bares, restaurantes e hotéis de alta rotatividade (nas ruas transversais à Avenida Augusto Severo), juntamente com prédios residenciais, onde se mesclam populações de diferentes matizes.

O importante, aqui, é diferenciar o contraponto existente entre o dia e a noite dessa área. O dia é caracterizado pelo ir e vir de automóveis e ônibus ligando os bairros da zona Sul ao Centro da Cidade, crianças e moradores que se dirigem para a escola ou para os diferentes afazeres, tendo em vista o fato de o local ser um “divisor de águas” entre o “Aterro” do Flamengo, o Passeio Público e o bairro residencial da Glória. À noite, principalmente na Avenida Augusto Severo, a maquiagem é trocada. Já não existem crianças, nem moradores, que são substituídos pelos travestis, em seus trajes sumários e trejeitos, correndo de um lado para o outro, ora pela presença da polícia, que procura imprimir uma certa ordem, ora pela presença da clientela motorizada. Para aqueles que passam, a rua se transforma em uma verdadeira vitrine de corpos desnudos.

Desde 1994 esse território tem se expandido pelas imediações da Praça Paris, ampliando seus limites. Muitas vezes, as relações sexuais com os clientes são mantidas no próprio local.

## **Castelo e Via Ápia**

Este território foi, no passado, o “berço” da cidade, concentrando, nas partes baixas do antigo morro do Castelo, um grande número de “casas de tolerância” e bordéis exclusivos de prostitutas. Com as reformas urbanas ocorridas na gestão Carlos Sampaio, em 1920, como parte das comemorações do Centenário da Independência do Brasil, o material de desmonte da citada elevação serviu de aterro para o futuro Parque Brigadairo Eduardo Gomes (Aterro do Flamengo) e o bairro da Urca. Nesta

área surgiram outras construções que abrigam setores de serviços e de gestão. Posteriormente a essa mudança de conteúdos, uma nova territorialidade de prostituição começou a ser gestada em suas ruas: a masculina, que se subdivide em duas áreas bem definidas. A parte do “Castelo” abrange as ruas Santa Luzia, nas proximidades da sede do Ministério da Educação e Cultura - MEC, e nos fundos da Igreja de Santa Luzia, Avenidas Presidente Antônio Carlos, Nilo Peçanha e adjacências, onde se localiza o terminal rodoviário Menezes Côrtes. E a área da Praça XV de Novembro, nas proximidades do Terminal Rodoviário Alfredo Agache, Rua General Justo até às imediações do Aeroporto Santos Dumont, e na Avenida Marechal Câmara. Nessa área encontram-se os museus Histórico Nacional e da Imagem e do Som, a Santa Casa de Misericórdia, a Igreja de Nossa Senhora de Bonsucesso, o Ministério da Aeronáutica, agências bancárias diversas, Petrobras, Presidência do IBGE, Instituto de Resseguros do Brasil - IRB, além da existência de bares, restaurantes e salas de escritórios.

Esses dois territórios são, temporalmente, muito bem marcados, ou seja, durante o dia, há um predomínio dos setores de serviços e gestão, com grande afluência de pessoas que utilizam, em sua maioria, os terminais hidroviário e rodoviário localizados na Praça XV de Novembro. O terminal hidroviário faz a ligação entre o Centro da Cidade com a Ilha de Paquetá e os Municípios de Niterói e São Gonçalo, enquanto o Terminal Rodoviário Alfredo Agache possui pontos finais de ônibus municipais e intermunicipais. Além do terminal rodoviário existe um outro, o Menezes Côrtes, que interliga, através de ônibus tipo “frescões”, a Área Central à zona Oeste e aos municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, como Maricá, Niterói, Guaratiba, e da região serrana, como Petrópolis e Teresópolis.

À noite e, principalmente, em véspera de feriados e finais de semana, algumas ruas dessas áreas se transformam em territórios da prostituição. Onde antes existia o predomínio de homens de paletós e gravatas, agora existe, no lado esquerdo de algumas vias públicas, os prostitutas “viris”, de feições sérias, que flanam de jeans justos e rasgados para realçar seus corpos atléticos, ou os travestis, em menor número, com seus rostos e corpos “fabricados” à base de silicone e similares e suas roupas de mulher.

Os “michês” desta área são figuras não-efeminadas, identificados pelo tipo do homossexual ativo e/ou macho, que utilizam como chamariz de sua virilidade o órgão genital seguro em suas mãos. Trata-se de um território típico de prostituição masculina no Rio de Janeiro, de alta periculosidade, tanto para o “michê” como para o cliente, e conhecido e afamado mundialmente, no mundo *gay*. A área do “Castelo”, que era constituída, eminentemente, pelos “michês”, hoje vem sendo ocupada por alguns travestis, provenientes, provavelmente, da casa de shows Boêmio, situada à rua Santa Luzia, com clientela composta, predominantemente, por *gays* e travestis.

A chamada “Via Ápia” (Rua Santa Luzia, depois da Santa Casa da Misericórdia, imediações do Museu Histórico Nacional e proximidades da Praça XV de Novembro) difere do “Castelo” por ser uma área eminentemente de passagem de automóveis e da prostituição “viril” ou de “michês”. A característica principal desse território é o poder que o mesmo apresenta em seu processo diário de contração e expansão, pois, se durante o dia desaparece em meio às atividades voltadas principalmente ao setor de prestação de serviços, à noite torna-se território dos michês. Superpõe-se a este, em áreas, outros territórios, caso verificado hoje mais restritas, nas proximidades do Museu Histórico Nacional e Santa Casa da Misericórdia, onde se encontra um depósito de papéis a céu aberto, com concentração elevada de catadores. Em recente pesquisa de campo, constatou-se a diminuição da prostituição nesse espaço. Praticamente está havendo uma contração e desaparecimento desse território, explicado em grande parte pela atuação da polícia civil, que “achaca” não só os “michês”, mas, principalmente, os clientes que o freqüentam. A tendência é dos rapazes de programa procurarem novos territórios, caso verificado no “Castelo”, onde reproduz-se, hoje, o que há 20 anos encontrava-se na “Via Ápia” - a presença de inúmeros clientes motorizados à cata dos “michês” que migraram para este local.

## Praça Mauá

A Praça Mauá e cercanias são áreas típicas e tradicionais de prostituição exclusivamente feminina do Centro da Cidade, sendo que durante o dia caracteriza-se por ser área de serviços, de comércio eminentemente atacadista, em função da proximi-

dade do Porto do Rio de Janeiro. As imediações da Praça Mauá destinam-se ao uso residencial, baseadas em população de baixo poder aquisitivo, que, não tendo capital para manter a aparência de suas moradias, deixam-nas se deteriorar fisicamente, estigmatizando a área com uma imagem de pobreza, vício, prostituição e crimes. Nesse local situam-se vários pontos finais de ônibus intra e intermunicipais, além da antiga rodoviária da cidade - Terminal Mariano Procópio, o principal da cidade até 1962, quando foi concluída a Rodoviária Novo Rio -, hoje servindo a alguns municípios da Região Metropolitana carioca. Encontra-se, também, em suas adjacências, o Primeiro Distrito Naval, os hospitais dos Servidores e de Psiquiatria do estado, a Maternidade Pió-Matre, o posto da Polícia Federal, além de empresas ligadas diretamente ao transporte marítimo e de imitação.

A territorialidade da prostituição nessa área desenvolveu-se a partir da mudança do Porto do Rio de Janeiro para o local, atraindo estabelecimentos do comércio atacadista, grande número de pessoas, além das atividades portuárias cotidianas. A presença constante de marinheiros de diversas nacionalidades e de turistas fizeram surgir hotéis de alta rotatividade, que servem, também, de hospedagem temporária às prostitutas e aos seus clientes.

Esse território está voltado, completamente, para as atividades desenvolvidas na Praça Mauá e nos seus cabarés, boates e bares. Nesses estabelecimentos, há, durante o dia e à noite, shows eróticos, com cenas ao vivo de sexo explícito. À noite, observam-se algumas prostitutas circulando pela Praça Mauá a fim de atrair clientes para as casas de shows, bem como para os hotéis de alta rotatividade nas suas imediações.

## Conclusão

A Área Central é considerada como o local do intercâmbio econômico, assim como espaço da vida simbólica e do lazer, estruturada na superposição de diferentes conteúdos, como os de moradia, comércio, serviços de representação e financeiros e, também, de prostituição.

A prostituição nos espaços públicos da Área Central do Rio de Janeiro estabelece-se, na maioria das vezes, em territórios onde se identificam singularidades e especificidades que os legitimam dentro de seu contexto. Tais territórios possuem diferentes escalas, conteúdos e significados, representados ora pela efervescência e agitação dos transeuntes, como no Passeio Público, “Cinelandia” e na “Central do Brasil”, ora como espécie de refúgio ou esconderijo, como no “Castelo” e “Via Ápia”.

Para uma grande parte da sociedade, essas áreas estão associadas a verdadeiros “territórios do medo” e da segregação, onde a rua torna-se um local dos mais hostis, acontecendo, cotidianamente, brigas, assaltos e assassinatos, enfim a violência nos seus mais diversos matizes.

Os territórios da prostituição acompanham a dinâmica da própria cidade na qual estão inseridos, e, uma vez estabelecidos, podem se sedimentar durante algum tempo, tendendo à expansão, caso aumente a procura do comércio do sexo, ou seja, a ampliação da geografia do sexo. Da mesma forma, podem fragmentar-se em decorrência de invasões de outros grupos sobre a área, ou mesmo da intervenção dos poderes instituídos, como a polícia, os políticos e o poder municipal, e mesmo do poder “marginal”, levando, em alguns casos, à sua extinção em uma área e/ou o seu reaparecimento em outra.

# Referências

- BACELAR, J. A. A família da prostituta. São Paulo: Ática; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982. 186 p. (Ensaíros, 87)
- BARCELLOS, S. Com a palavra, o michê. Nós por exemplo, Rio de Janeiro: Leviatã, p. 8-9, set/out. 1993
- BARSETTI, S. Gays: o roteiro oficial. O Dia, Rio de Janeiro, p. 1, 7 abr. 1994
- CARNEIRO, M. Crimes assustam mundo dos gays. O Dia, Rio de Janeiro, 30 jan. 1994. Polícia, p. 14
- CORRÊA, R. L. A. Espaço urbano. São Paulo: Ática, 1989. 94 p. (Princípios, 174)
- \_\_\_\_\_. Meio ambiente e metrópole. In: MESQUITA, O. V.; SILVA, S. T. (Coord.) Geografia e questão ambiental. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. p. 25-30
- FOULCAULT, M. História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. 5. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 232 p. (Biblioteca de filosofia e história das ciências, 15)
- LOURENÇO, L. C. A degradante vida marginal dos meninos travestidos. O Globo, Rio de Janeiro, p. 12, 3 abr. 1994
- MACHADO, M. S. A territorialidade pentecostal: um estudo de caso em Niterói. 1992. 208 p. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992
- MENEZES, L. M. de. Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio, 1890-1930. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992. 117 p. (Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa, 2)
- PARKER, R. G. Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. Tradução de Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Best-Seller, [1991]. 295 p.
- PECHMAN, R. M. A invenção do urbano: a constituição da ordem na cidade. In: PIQUET, R. P. da S.; RIBEIRO, A. C. T. (Orgs.) Brasil, território da desigualdade: descaminhos da modernização. Rio de Janeiro: Zahar: Fundação Universitária José Bonifácio, 1991. p. 121-133

- PEREIRA, R. R. Em busca da infância perdida. *Veja*, São Paulo, ano 27, n. 11, p. 66-75, 16 mar. 1994
- PERLONGHER, N. O. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987. 275 p. Originalmente apresentado como dissertação de mestrado à Universidade Estadual de Campinas
- RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. 269 p. (Temas)
- RAGO, L. M. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890-1930. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 209 p. (Coleção estudos brasileiros, v. 90)
- \_\_\_\_\_. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. São Paulo: Paz e Terra, 1991. 322 p.
- ROTEIRO gay cruza a cidade. *O Dia*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1991. Polícia, p. 16
- SACK, R. D. Human territoriality: its theory and history. Cambridge, New York: Cambridge University Press, 1986. 256 p. (Cambridge studies in historical geography, 7)
- SANTOS, M. Espaço e método. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p. (Coleção Espaços)
- SILVA, H. R. S. Travestí: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ISER, c.1993. 176 p. Originalmente apresentado como dissertação de mestrado à Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Museu Nacional
- SOARES, L. C. Rameiras, ilhoas, polacas : a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX. São Paulo: Ática, 1992. 118 p. (Ensaio, 132)
- SOJA, E. W. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Tradução de Vera Ribeiro; revisão técnica de Bertha Becker e Lia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 324 p.
- SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.) Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116
- TRAVECOS sim, mas machos também. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1993. Show e Esportes, p. 5
- TUAN, Yi-fu. Topofilia: um estudo da percepção: atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Lúvia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. 288 p.